



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

A ENERGIA EM REICH E JUNG

Renato Nascimento de Miranda

RESUMO

O objetivo deste trabalho será explorar de forma breve as perspectivas de Reich e Jung sobre a questão energética e como suas respectivas visões influenciaram a elaboração de suas abordagens e experimentos. Serão exploradas não apenas as discrepâncias entre ambas, mas também suas afinidades e complementaridades, a fim de se buscar pontos possíveis de diálogo entre as duas abordagens.

Palavras-chave: Energia. Jung. Libido. Orgonomia. Reich.

Energia é um conceito oriundo da física e tem por definição a capacidade que um corpo, substância ou sistema tem de realizar trabalho (WIKIPEDIA). O conceito acabou sendo amplamente usado em outras áreas do conhecimento incluindo a psicologia, onde tornou-se de fundamental importância na compreensão do funcionamento da mente humana, servindo não apenas de forma metafórica, mas também como elemento real do aparato psíquico.

Para muitas abordagens dentro da psicologia o conceito tornou-se tão central que seria impossível sua existência sem ele, principalmente para a Psicanálise e as vertentes psicodinâmicas. No entanto, não há concordância sobre a natureza desta tal energia psíquica entre as diferentes abordagens psicológicas.

O objetivo do presente trabalho será aprofundar na compreensão particular de duas abordagens que não apenas usam amplamente a idéia de energia, mas a tem como elemento fundamental em seu desenvolvimento, as abordagens reichiana e junguiana.

As duas tem compreensões praticamente opostas e aparentemente antagônicas sobre a concepção da energia envolvida nos processos mentais. Porém, ambos os autores acabaram por se debruçar sobre muitos dos mesmos fenômenos e ampliaram, a partir de seus pontos de vista distintos, a compreensão do sujeito a níveis universais, propondo soluções que extrapolam em muito a existência individual.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

Energia na visão de Jung

Para Jung, a natureza da energia, chamada de libido, é psíquica e segundo seu entendimento seria a energia psíquica da vida, o princípio que anima e ativa tanto os fenômenos quanto os elementos contidos na psique.

Seu rompimento com Freud se dá justamente em função da discordância quanto ao caráter sexual da libido. Para ele, a libido era a energia psíquica como um todo, sendo o aparelho psíquico uma instância real, não apenas um construto ideológico para fins didáticos, e a sexualidade uma de suas manifestações, tal qual a espiritualidade, o laborar, o senso de comunidade etc.

Segundo ele, os elementos acima citados não só eram reais, como também seriam os princípios essenciais da psique, não podendo ser vistos como meras sublimações e adaptações sociais da função sexual. (JUNG, 2011a)

Mesmo tendo uma formação de médico, Jung era um erudito, com um conhecimento profundo de filosofia, mitologia e literatura, além de ter desenvolvido muito de sua abordagem a partir de uma metodologia antropológica, a partir de viagens por todos os continentes e a vivência, por alguns períodos de tempo, entre populações tribais e grupos étnicos distintos.

A partir destas características Jung atribuiu uma certa concretude ao psiquismo e seus elementos. A função psicológica não apenas intermediaria entre as pulsões instintivas do indivíduo e a adaptação ao meio externo, mas também, e principalmente, representaria a percepção e vivência da realidade, dando assim à realidade psíquica de uma pessoa um status factual a ela. Com isso ele amplia enormemente a importância do psiquismo e da psicologia no campo da ciência.

Ao dar este grau de concretude para a psique, Jung também o faz com a energia psíquica. De fato, as transformações da libido, suas projeções e manifestações ocupam grande parte de seus estudos, levando-o a formular conceitos como a função transcendente, a importância dos símbolos, a noção da constelação de complexos e arquétipos e até a a teoria da sincronicidade.

Pode-se dizer que ele propõe a existência de três realidades às quais o indivíduo estava submetido. A realidade externa, concreta e compartilhada por todos, na medida das limitações individuais (em caso de deficiência ou limitação física, por exemplo). Uma realidade interna,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.> Acesso em: ____/____/____.

igualmente objetiva, composta pelos instintos e arquétipos¹, percepções corporais, necessidades fisiológicas etc. Por fim, o que ele chama de realidade psicológica do sujeito, que embora seja amplamente composta e determinada pela realidade interna, é também distinta desta, na medida em que é apenas a forma como o indivíduo a percebe e reage a ela, sendo igualmente influenciada e moldada pela realidade externa. (JUNG, 2011a)

Apesar dessa "concretude" e do status de realidade atribuídos à libido, Jung sempre reforçou esse caráter psicológico, sendo muito cauteloso para transpor os limites da barreira entre o psicológico e o físico, a despeito das várias críticas e acusações de misticismo que sempre sofreu. Compreender esta particularidade de seu pensamento é fundamental para entender a forma como ele encarava não apenas a questão energética, mas toda a psique. Justamente por afirmar o caráter real do psiquismo, é que ele se afastava de qualquer inferência sobre o mundo externo concreto, embora explore o mais profundamente possível o mundo interno dos indivíduos.

É a partir dessa visão objetiva do mundo interno que nasce seu conceito de inconsciente coletivo, referindo-se não a um aspecto místico da existência (embora as pessoas possam sentir o contato com esse mundo interno como se fosse uma experiência mística ou transcendente), mas sim ao cerne biológico do psiquismo humano.

Adotando a mesma postura e interpretação da física quanto à energia (embora usando analogias literárias, poéticas e mitológicas), Jung compreende a libido justamente como a energia resultante da interação entre esses elementos presentes no mundo interno do indivíduo, não sendo apenas resultante de processos cerebrais, mas até extrapolando o indivíduo, na medida em que as bases desse mundo são compartilhadas por toda a humanidade. Assim, um arquétipo que esteja muito carregado energeticamente e seja "constelado" como ele cunhou o termo, pode afetar não apenas uma pessoa, mas todo um grupo de pessoas e mesmo uma nação inteira (JUNG, 2011b). Estes elementos também podem ser percebidos por indivíduos mais sensíveis, que antecipam acontecimentos sociais significativos como previsões ou profecias. Há até aqueles que, acostumados a estas percepções, são capazes de guiar ou manipular alguns desses eventos, colocando-se em posições vantajosas, ou influenciando as pessoas ao redor.

¹Jung define o arquétipo como um tipo especial de instinto presente no ser humano. Uma tendência instintiva a compreender e explicar a realidade a partir de uma postura mitológica e simbólica (JUNG, 2011d)



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

O grande foco dado ao mundo interior chegou a trazer a ideia para muitos junguianos de que a psique seria um sistema fechado, sem trocas de energia com o mundo externo, apenas se reconfigurando em resposta a ele. No entanto, o próprio Jung aponta que apesar da psique parecer se comportar como um sistema fechado, não existiria nenhum sistema assim no universo e portanto deveria haver algum mecanismo, ainda desconhecido e para além das capacidades de compreensão da época, pelo qual a energia psíquica estaria em contato com formas externas de energia (JUNG, 2010). O próprio fenômeno da sincronicidade² parece indicar isso.

No nível individual, uma doença mental ocorre quando há um desequilíbrio energético entre a consciência, geralmente mais carregada, e o inconsciente. Devido à repressão da consciência a carga energética que deveria animá-la diminui e reflui para o elemento inconsciente reprimido. Essa carga se acumulará nele até que tenha energia suficiente para romper o limiar da consciência e começar a se manifestar. Assim, quanto maior e mais prolongada é a repressão, mais forte e autônoma é a manifestação do conteúdo constelado.

Importante ressaltar que para Jung os afetos têm papel fundamental neste processo, uma vez que é a partir deles que se formam e se ativam os complexos. No entanto, os afetos também seriam uma forma de manifestação da energia. Uma forma primitiva (sem caráter pejorativo) e autônoma de resposta e manifestação da libido.

Para o homem primitivo, (JUNG, 2011c) aquele cujo processo civilizatório ainda não enrijeceu a consciência e o senso de identidade, a vivência é mais inconsciente e portanto há um maior senso de integração com o resto do mundo, em função das identificações e projeções feitas por eles. Nessas comunidades há sempre a percepção de uma energia cósmica, divina ou mística que interliga todas as coisas, fruto do próprio fluir da libido entre os conteúdos projetados e os indivíduos que os projetam. Já no homem civilizado, sendo os mecanismos de repressão, o senso de identidade e de individualidade mais fortes, desenvolve-se mais a diferenciação entre o ser e as coisas. Muito embora essa diferenciação nunca seja completa, uma vez que é impossível a pessoa não se relacionar com alguma coisa e portanto projetar seus conteúdos e afetos sobre ela. As projeções ficam então circunscritas a determinadas manifestações socialmente aceitas e mais personalizadas, em oposição ao caráter comunitário das sociedades primitivas.

² Fenômeno no qual um evento exterior parece coincidir com um estado psicológico interior de uma forma extremamente significativa, mas sem nenhuma relação causal. (JUNG 2011e)



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

Essa dificuldade em permitir um fluir mais livre da energia criará um excedente energético direcionado para o próprio indivíduo (e a consciência), que deverá achar uma forma adequada de canalizá-lo e expressá-lo ou terá de reprimi-lo em função das normas sociais e sucumbirá às manifestações autônomas do inconsciente e à doença mental. Assim, a cura dependeria da reconexão com as forças primordiais e coletivas, como a sexualidade e a espiritualidade, restabelecendo o equilíbrio do indivíduo com o todo. Para Jung, a psique sempre busca o equilíbrio e a harmonia. Se a consciência tem uma atitude permissível para com o inconsciente e está em sintonia com ele, sua atitude é complementar, mas se a atitude é repressiva ou extremista, ele assume um papel compensatório ou mesmo antagônico, buscando reestabelecer o equilíbrio entre ambos, processo chamado de enantiodromia.

Energia para Reich

Ao contrário de Jung, que focou seus estudos no psiquismo, exaltando a dimensão psicológica e seu papel na experiência humana, pode-se dizer que desde o início Reich teve um viés mais organicista.

Seu interesse inicial pela psicanálise se deu em função dos estudos sobre sexologia (VOLPI & VOLPI, 2003), área na qual sua universidade era carente, mas a medida em que Freud e a psicanálise afastavam-se das áreas biológicas e fisiológicas para se concentrarem na parte psicológica, seu entusiasmo inicial arrefecia e cresciam suas críticas à essa postura,

Reich sempre partiu da noção de que a libido era uma energia de cunho biológico e se esforçou ao longo da vida para demonstrar isso. Mesmo ainda em seu tempo de psicanálise, já era sensível às semelhanças entre as pulsões instintivas humanas, especialmente as relacionadas à alimentação e à sexualidade, e os comportamentos dos organismos mais simples, como amebas e protozoários, traçando justamente o paralelo biológico entre nós.

Ainda como psicanalista focou suas atenções na questão econômica/quantitativa da libido, ou seja, a forma como a energia é mobilizada pelas resistências e mecanismos de defesa (REICH, 2004), ao contrário da psicanálise clássica, focado nos sintomas e no aspecto qualitativo da libido. A medida que esses mecanismos eram automatizados e padronizados, passando a demandar energia apenas para manterem sua própria existência, dava-se origem ao carácter.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

Aprofundando em seus estudos, ele cada vez mais percebeu a relação entre o caráter psicológico e as reações, posturas e manifestações corporais, extendendo sua concepção caracterológica para o nível físico. Reich percebeu que a musculatura tornava-se cronicamente tensa em determinadas áreas do corpo com o objetivo de conter a expressão emocional e conseqüentemente a mobilidade energética. Formulou assim o conceito de couraça muscular e posteriormente mapeou-a em sete segmentos, as regiões onde se concentravam esses bloqueios (VOLPI & VOLPI, 2003).

Reich percebeu que a energia se formava a partir da tensão entre o organismo e o meio, a partir da seguinte fórmula: tensão, carga, descarga, relaxamento (VOLPI & VOLPI, 2003). Ou seja, algum estímulo externo ou interno provoca tensão no organismo pelas enervações musculares e o trabalho dos órgãos e glândulas correspondentes, tornando-o energeticamente carregado. Esta energia origina-se no centro do organismo desta atividade e flui em direção à periferia de onde será descarregada no ambiente, aliviando assim a tensão e levando ao relaxamento. Reich verificou que no ser humano o principal processo de descarga da energia acontece pelo orgasmo, razão pela qual deu tamanha importância a ele em seus estudos, chegando a cunhar o termo orgone em função disso.

A couraça muscular tem por objetivo bloquear ou conter esse mecanismo. Enrijecendo-se cronicamente, diminui-se a capacidade tanto de sentir os estímulos, como de permitir sua livre manifestação, comprometendo a capacidade do organismo de descarregar sua energia. Esse mecanismo, de acordo com o segmento comprometido e o período em que a repressão se instaura no organismo, irá deixar o organismo com baixa energia, ou com excessos.

No caso das pessoas com comprometimentos no primeiro segmento, forma-se um núcleo psicótico (NAVARRO, 1995) que impede ou dificulta a conexão com o mundo, criando um quadro de hipoorgonia, ou baixa energia. Pessoas comprometidas no segundo segmento, o oral, tem dificuldades em reter a carga, liberando-a tão logo haja alguma tensão, isso prejudica o organismo, na medida em que a energia encontra-se totalmente desorganizada, com excessos em certas áreas e funções e faltas em outros. Por fim, os caracteres neuróticos, caracterizado pela rigidez da couraça, há um excesso da energia que não pode ser adequadamente descarregada, criando um estado de hiperorgania. Esse excedente energético é que irá abastecer todas as criações e sintomas neuróticos.

Assim, toda a terapêutica proposta por Reich e seus seguidores se baseia em reestabelecer a capacidade de uma descarga plena da energia a partir do amadurecimento



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

caracterológico até a genitalidade, liberando as tensões e bloqueios, fazendo do trabalho energético o ponto central.

A medida que progrediu em seus experimentos sobre a energia sexual e a função do orgasmo, começou a verificar a presença dos mesmo processos energéticos em outros organismos vivos e posteriormente mesmo em objetos inanimados, levando-o a formular o conceito de uma energia orgone cósmica. (VOLPI & VOLPI, 2003). Fundou então a Orgonomia como uma disciplina e uma ciência própria, não mais restrita às questões psicológicas do homem, mas a toda uma compreensão do universo, embora nunca tenha abandonado a busca pela cura das mazelas físicas e psíquicas. Passou a se dedicar à busca da cura do câncer e outras doenças psicossomáticas da mesma forma que pesquisava soluções para o problema nuclear da Guerra Fria e sobre a vida fora da Terra e ovnis. Tudo embasado por sua concepção energética.

Comparando as abordagens

Apropriando-se da tipologia de personalidade proposta por Jung (2011f), podemos perceber imediatamente que ele e Reich diferenciam-se imediatamente por terem orientações opostas. Enquanto Jung e sua abordagem caracterizam-se pela introversão e com isso a exploração do mundo psíquico interno até nível mais primitivo dos arquétipos, Reich e sua abordagem são orientados para o mundo externo, chegando à tentativa de abranger o nível cósmico com sua teoria da orgone, agindo portanto como um extrovertido.

Outro ponto em que diferem completamente, ainda pela tipologia junguiana, seria a função principal de cada um de acordo com o foco de suas abordagens. Jung, apesar de buscar um trabalho amplo com os tipos, acaba colocando a intuição em destaque com seu trabalho com sonhos, símbolos e o material que emerge do inconsciente. Por outro lado, Reich foca no trabalho direto com as emoções e o corpo, representando a função sensação, oposta à intuição no espectro proposto por Jung.

O ponto de concordância entre ambos se daria a partir da função pensamento altamente desenvolvida. Ambos cercaram suas abordagens de um cuidado e um esmero lógico e metodológico que fez com que, por mais atacadas que tenham sido à época e mesmo atualmente, sobrevivam e mostrem a cada momento o seu valor. A curiosidade e o espírito



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

questionador de ambos, alicerçado por tal função, os levou a enveredar por questões polêmicas e amplas, saindo das questões meramente clínicas em busca de valores universais.

Partindo dessas diferenças tipológicas propostas por Jung (2011c), temos uma forma de avaliar e compreender como cada um tratou a questão energética. Sendo sensação extrovertido, Reich buscou ligar a energia psíquica com o mundo de forma concreta. Exatamente como formulou sua teoria da energia orgone, sempre pautada em observações e experimentações práticas e empíricas, tendo por objeto de pesquisa o corpo, o orgasmo, o ato sexual, organismos vivos etc. Mesmo durante seu período na psicanálise e no partido comunista, suas ações eram mais diretivas e diretas, propondo sempre mudanças reais e parâmetros mensuráveis de trabalho, sem se contentar com psicologismos ou utopias.

Por outro lado, sendo Jung intuitivo e introvertido, buscou mergulhar o mais fundo possível no interior da psique humana, chegando aos arquétipos e ao inconsciente coletivo. O fez por meio da interpretação dos sonhos, do estudo dos mitos e poesias, das alucinações, fantasias e produções artísticas de pacientes psicóticos, de estudos sobre alquimia e astrologia etc. Desde de novo demonstrava grande sensibilidade para as manifestações do inconsciente. Embora fosse um erudito e tivesse grande interesse variadas áreas do conhecimento, sua postura era sempre de alguém filtrando as informações em busca de sua essência.

Embora tenhamos usado a tipologia proposta por Jung pra explicar a diferença de visão entre ambos, o próprio sistema de classificação criado por cada um tem origem em suas visões diferentes e portanto apontam para mecanismos diferentes, mesmo que relacionados. Reich, partindo do fluxo de energia biológico no corpo e seus bloqueios, cria um sistema baseado nas capacidades psicofisiológicas do organismo de permitir o livre fluxo da energia, orientada para uma função sexual. Enquanto Jung, partindo da noção de uma energia psíquica ampla, usa a orientação geral da psique como referência, embora não descarte as possíveis influências orgânicas nesse processo.

A grande diferença é que pra Jung, seu sistema se baseia em funções gerais e a predileção e a capacidade da consciência de usar uma ou mais destas funções. Assim, na medida em que se desenvolve, a psique passa a ser capaz de acessar outras funções e aumenta sua capacidade de fluxo energético. Já na perspectiva reichiana, o caracter só pode amadurecer, assim sua classificação se baseia no desenvolvimento e maturação psicosexual do indivíduo, sem levar necessariamente em consideração essas diferenças de postura, antes



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

considerando-as fruto deste processo de imaturidade-maturidade, ou como diferenças individuais sem muita relevância para sua abordagem.

Outra diferença bastante significativa entre o ponto de vista de ambos é de onde cada um parte. Enquanto Reich parte dos processos biológicos e seus experimentos empíricos, buscando verificar e comprovar a existência da orgone, Jung parte da concepção energética oriunda da física e sua perspectiva teleológica (JUNG, 2010). As consequências de tais posturas são bastante significativas.

Para o primeiro a genitalidade é a forma de desenvolvimento que permite o livre fluir da energia. O segundo, que define o processo de individuação como o objetivo final da psique, entende que é o direcionamento energético da libido que inexoravelmente leva o indivíduo para este fim. Assim, mesmo que ambos entendam que os complexos, ou mecanismos de defesa bloqueiam o livre fluir da libido, para um é o amadurecimento que permite a fluidez, enquanto para o outro é o fluir que leva ao amadurecimento. Embora pareça pouco significativa, essa é uma diferença gritante em termos de postura e compreensão clínicas e orientam as abordagens para direções bastante distintas. Reich dirige seu foco para o corpo, a sexualidade e as emoções. Jung, foca em símbolos, arquétipos e funções psicológicas.

Para ambos é preciso mobilizar as energias vitais e inconscientes que dirigem o sujeito, mas para um esta força é despersonalizada e de natureza conhecida, a sexualidade, para outro, a força tem múltiplas facetas e direções, muitas vezes assumindo a forma de heróis e contos do passado. Para um, a cura vem da liberação física da energia no ato sexual, para o outro, vem do diálogo com personagens diversos e do contato com forças de potencial transcendental e desconhecidas. Para um é imprescindível liberar as tensões do corpo, para o outro, conhecer-se e assumir-se por inteiro.

Ambas, no entanto, pregam um certo desapego do eu, ou pelo menos do ego. Ambas dependem da mobilização de energias maiores do que o sujeito e que o precedem. Para ambas o desenvolvimento e a saúde dependem da capacidade da energia fluir, só que uma toma o caminho da sexualidade enquanto a outra a de um eterno equilíbrio entre consciência e inconsciente.

Com base no exposto, podemos responder o questionamento sobre a libido de Jung e a orgone de Reich serem a mesma energia. Sabendo que energia não se cria e não se perde, apenas se transforma, temos que toda energia em essência é a mesma energia, no entanto, essas transformações lhe confere características diferentes, de forma que as identificamos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

como energias diferentes. Assim podemos dizer que a libido e a orgone não são a mesma energia, embora transforme-se continuamente de uma a outra, tal qual a passagem da energia potencial à cinética.

Na visão de Reich, seja por repressão, seja por sublimação, a energia sexual irá transformar-se em energia psíquica e gerar, ou pelo menos alimentar uma série de fenômenos ou sintomas no sujeito (REICH, 2004). Já para Jung, é a libido que irá se manifestar de variadas formas, dentre elas a sexualidade, incorrendo então nos mecanismos descritos por Reich. Definir qual é a forma inicial da energia depende do ponto de vista e do recorte que fazemos do fenômeno. Reich olhou a partir do desenvolvimento biológico das espécies e comparou o funcionamento do ser humano com os organismos mais simples e primitivos para chegar às suas conclusões (VOLPI & VOLPI, 2003), enquanto Jung mergulhou na experiência humana em busca do que havia de mais essencial e geral para nós.

Partindo-se do extremo de uma das visões, não faltam elementos para criticar a outra. De fato, ambos chegaram a criticar-se em seus pontos de vista. No entanto, ao assumirmos uma posição conciliadora, podemos buscar mais do que meramente as semelhanças e pontos de convergência entre as ideias, mas focar na forma como elas se complementam e se ampliam, fornecendo-nos um amplo campo de pesquisa e possivelmente lançando algumas luzes em pontos obscuros uma da outra.

REFERÊNCIAS

ENERGIA. In: Wikipedia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Energia>> Acesso em: 4 jun 2017.

JUNG, C. G. **A Energia Psíquica**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes. 2010.

JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes. 2011a.

JUNG, C. G. **Aspectos do Drama Contemporâneo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes. 2011b.

JUNG, C. G. **Civilização em Transição**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes. 2011c.

JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes. 2011d.

JUNG, C. G. **Sincronicidade**. 16ª ed. Petrópolis: Vozes. 2011e.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. A energia em Reich e Jung. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XXII, 2017. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2017. [ISBN – 978-85-69218-02-9]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm> Acesso em: ____/____/____.

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes. 2011f.

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica**: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica. São Paulo: Summus, 1995.

REICH, W. **Análise do Caráter**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VOLPI, J. H. VOLPI, S. M. **Reich**: da Vegetoterapia à descoberta da energia orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003

AUTOR e APRESENTADOR

Renato Nascimento de Miranda / Brasília / DF / Brasil

Psicólogo e Bacharel em Psicologia pela Universidade de Brasília/DF. Especialista em Psicologia Analítica Junguiana pelo IJEP/Facis – SP. Especialista em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano/PR.

E-mail: renato.nmiranda@gmail.com